



Balzac e o Livro de Esther

Balzac and The Book of Esther

Lucius de Mello*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

luciusdemello@uol.com.br

Resumo: Este artigo pretende contribuir com os estudos críticos que tratam da intertextualidade entre *A Comédia Humana*, de Honoré de Balzac, e a Bíblia, especialmente entre o romance *Esplendores e misérias das cortesãs* e o *Livro de Esther*. Propõe-se a analisar os fragmentos romanescos que iluminam o encontro intertextual entre a trágica vida da cortesã parisiense Esther van Gobseck e a heroica e festiva jornada da rainha hebreia Esther. Outros pesquisadores reforçam a ideia de que Balzac se inspirou na heroína bíblica para criar a sua personagem marginal. O objetivo aqui é realçar algumas dessas opiniões e os trechos da obra nos quais o romancista enriquece a sua narrativa, seja ironizando, imitando, citando ou apenas se inspirando nas Sagradas Escrituras.

Palavras-chave: Honoré de Balzac. Bíblia. *Livro de Esther*.

Abstract: This article aims to contribute to the critical studies that deal with intertextuality between *The Human Comedy*, by Honoré de Balzac, and the Bible, especially between the novel *The Splendors and Miseries of the Courtesans* and *The Book of Esther*. It is proposed to analyze the novelistic fragments that shed light to the intertextual encounter between the tragic life of the Parisian courtesan Esther van Gobseck and the heroic and festive journey of the Hebrew queen Esther. Other researchers reinforce the idea that Balzac was inspired by the biblical heroine to create his marginal character. The aim here is to highlight some of these opinions and the excerpts of the work in which the novelist enriches his narrative, whether by ironizing, imitating, quoting or simply being inspired by the Holy Scriptures.

Keywords: Honoré de Balzac. Bible. *The Book of Esther*.

* Escritor e jornalista. Doutor em Letras: Estudos Literários e Culturais, pelo Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução, da FFLCH-USP. Mestre em Literatura e Cultura Judaicas pela Universidade de São Paulo (2013). Pesquisador do ARQSHOAH - Arquivo virtual do Holocausto e Antissemitismo e do LEER - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação da Universidade de São Paulo.



As cortesãs zombam das leis, elas adoram uma certa delicadeza; sabem vender-se como Esther, por um belo ideal secreto, que é a sua religião.¹

Entre os livros da Bíblia recuperados no romance *Esplendores e Misérias das Cortesãs* (*Splendeurs et misères des courtisanes*), o de *Esther* emerge com mais intensidade e oferece uma importante chave de leitura para avançarmos no entendimento da intertextualidade entre Honoré de Balzac e as Sagradas Escrituras. Aliás, o *Livro de Esther* é um dos episódios que mais se aproximam de *A Comédia Humana*. Faço essa constatação, principalmente, com base nos estudos de Robert Alter. Ele nos fornece alguns elementos para iluminar essa ideia. O primeiro está ligado à concepção cômica da narrativa. Alter afirma que, ao contrário da grande maioria dos livros canônicos, o de Esther “[...] oferece forte evidência de ter sido escrito, principalmente, para o entretenimento [...] como uma farsa, um burlesco, uma sátira, um conto de fadas e uma narrativa carnavalesca, e é frequentemente bem engraçado, uma comédia sexual maliciosa [...]”.² Quando Alter escreve “comédia sexual”, ele se refere, sobretudo, ao fragmento no qual o narrador relata a frequência com que Esther, antes de ser rainha, tinha que voltar ao harém para atender ao rei Assuero e tentar ser a escolhida como a nova soberana da Pérsia: “À noite ela viria, e de manhã ela voltaria à casa das mulheres novamente pelas mãos de Shaashgaz, o eunuco do rei, guardador das concubinas”.³ Segundo Alter: “o processo de seleção, então, vem a julgamento pelo intercuro sexual: com qual dessas virgens ficará o rei satisfeito? A imagem do rei como um atleta sexual infatigável fazendo sexo com virgens, noite após noite é intrinsecamente cômica [...]”.⁴ Em Balzac, o retrato realista e deprimente da sociedade francesa também divide espaço com a ironia e o humor. E o tema do

¹ BALZAC, 1956, p. 201. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 625): “Les filles se moquent des lois, elles adorent une certaine délicatesse; elles savent se vendre, comme Esther, pour un beau idéal secret, leur religion à elles.”

² ALTER, 2015, p. 85, tradução nossa. No original: “[...] it offers strong evidence of having been written primarily for entertainment [...] as a farce, a burlesque, a satire, a fairy tale, and a carnivalesque narrative, and it is often quite funny, with sly sexual comedy[.]”

³ Est 2,14 *apud* Alter, 2015, p. 97, tradução nossa. No original: “In the evening she would come, and in the morning she would go back to the women’s house again in the hands of Shaashgaz, the King’s eunuch, keeper of the concubines.”

⁴ ALTER, 2015, p. 97, tradução nossa. No original: “The selection process, then, comes down to trial by sexual intercourse: with which of these virgins will the king be truly satisfied? The image of the king as an indefatigable sexual athlete bedding virgins night after night is intrinsically comic [...]”



sexo e da luxúria alimentaram, intensamente, o espírito cômico com o qual o romancista escreveu *A Comédia Humana*. A obra *Fisiologia do Casamento* é um dos exemplos desse interesse. Um segundo argumento estaria no estilo da escritura do *Livro de Esther*. Ao comentá-lo, o próprio Alter recupera Honoré de Balzac:

De vez em quando há frases que se espalham por vários versos sem muita coerência sintática. Todavia como demonstram romancistas como Balzac e Dreiser, é possível contar uma boa história com um estilo às vezes esfarrapado.⁵

Alter completa esse pensamento afirmando que o *Livro de Esther*, em contraste com os outros livros da Bíblia, “exibe um visível grau de frouxidão estilística”.⁶ Nessa mesma linha de pensamento, outros pesquisadores também concordam com a presença da comédia no drama bíblico da soberana persa. Para Flavie Zazoun, o conteúdo do enredo e, especialmente, a celebração do *Purim*, mostram que “as festividades dão origem a representações teatrais cômicas e lúdicas”,⁷ que apresentam ecos marcantes no *Livro de Esther*, ideia reforçada por Judith Josse-Lafon. Assim como Alter, ela destaca a comicidade dos personagens: “[...] a narrativa é atravessada por muitos efeitos cômicos e são justamente os vilões da estória que são dotados dessa dimensão”.⁸ Josse-Lafon reconhece que o texto canônico tenta ganhar o leitor pelo humor:

Como na festa de Purim, o *Livro de Esther* é, portanto, caracterizado por uma mistura singular de seriedade e farsa. Esse riso toca em questões sérias: é uma forma de quebrar o medo e é uma arma eficaz contra a opressão e a violência; É um riso de sobrevivência.⁹

⁵ ALTER, 2015, p. 87, tradução nossa. No original: “And from time to time there are run-on sentences that sprawl over several verses without a great deal of syntactic coherence. Yet, as novelists such as Balzac and Dreiser demonstrate, it is possible to tell very effective story with a sometimes-ragged style.”

⁶ ALTER, 2015, p. 87, tradução nossa. No original: “exhibits a noticeable degree of stylistic looseness.”

⁷ ZAZOUN, 2012, p. 1192, tradução nossa. No original: “[...] les festivités donnent lieu à des représentations théâtrales comiques et ludiques”.

⁸ JOSSE-LAFON, 2013, p. 69, tradução nossa. No original: “[...] le récit est traversé de nombreux effets comiques et ce sont précisément les méchants de l’histoire qui sont dotés de cette dimension.”,

⁹ JOSSE-LAFON, 2013, p. 69, tradução nossa. No original: “Comme dans la fête de Pourim, *Le Livre de Esther* se caractérise donc par un mélange singulier de sérieux et



Nota-se, então, o movimento de doses de comicidade sobre os trágicos episódios da história do povo judeu. Técnica também trabalhada por Balzac em sua grande obra composta de pequenas tragédias, muitas vezes, tocadas pela sátira. Seguindo o rastro de Alter, na leitura cômica do *Livro de Esther*, percebo que o crítico comenta o momento em que o narrador informa: “Haman estava caído no sofá onde Esther estava”.¹⁰ Segundo Alter, neste momento, “a comédia sexual do *Livro de Esther* fica mais aguçada. Assuero, vendo Haman esparramado no sofá de Esther, brevemente, imagina que seu primeiro-ministro está tentando estuprar a rainha na presença do rei”.¹¹ Porém, acredito que a interpretação de Alter que mais liga a Esther bíblica à cortesã Esther Van Gobseck é a que explica a fala do narrador sobre a primeira noite de amor entre a escrava hebreia e Assuero: “E o rei amou Esther mais do que todas as outras mulheres”.¹² Alter pergunta: “Mas se o desempenho sexual é o teste crucial, como poderia uma virgem inexperiente distinguir-se das outras? Cabe a nós refletir a respeito [...]”.¹³ Ao lançar essa questão, o crítico coloca sob suspeita a virilidade do rei Assuero. No entanto, Alter se esquece de desconfiar da virgindade de Esther. Considerando o passado que ela teve, órfã e pobre, não teria Esther sido obrigada a vender o corpo para ajudar o primo a criá-la? Não teria a serva uma experiência na vida amorosa que lhe garantiu o destaque entre as outras concubinas? Ela poderia ter encantado o rei, justamente, pelos seus talentos sexuais, sua experiência secreta em dar prazer a um homem na cama. Afinal, se ela jogou ao esconder a sua verdadeira identidade, como veremos mais à frente, teria dissimulação também para mentir sobre sua castidade. Baseado nessa interpretação, o encontro poético entre a Esther sagrada e a Esther de Balzac ganha mais luz e pode ser observado com mais limpidez.

de farce. Ce rire touche à des questions graves: il est une façon de briser la peur et il est une arme efficace contre l'oppression et la violence; C'est un rire de survie.”

¹⁰ Est 7, 8 *apud* Alter, 2015, p. 117, tradução nossa. No original: “Haman was fallen on the couch where Esther was.”

¹¹ ALTER, 2015, p. 117, tradução nossa. No original: “The sexual comedy of the *Book of Esther* becomes particularly acute at this moment. Ahasuerus, seeing Haman sprawled out on Esther’s couch, briefly imagines that his first minister is attempting to rape the queen, in the King’s very presence.”

¹² Est 2, 17 *apud* Alter, 2015, p. 97, tradução nossa. No original: “And the King loved Esther more than all the virgins.”

¹³ ALTER, 2015, p. 97, tradução nossa. No original: “But if sexual performance is the crucial test, how would one inexperienced virgin distinguish herself from the others? We are left wondering about this[...].”



Balzac copia o nome da célebre figura bíblica para identificar sua cortesã mais famosa: Esther Van Gobseck. Ideia também defendida por Ketty Kupfer: “Esther Gobseck deve o seu nome a uma das maiores heroínas da história judaica”.¹⁴ A jovem, de 18 anos, vive da prostituição no *demi-monde* parisiense e tem o seu drama retratado em meio a metáforas e alusões bíblicas. É praticamente impossível, ao leitor atento, não a associar a uma versão torta da rainha persa Esther. Ficamos sabendo da leitura feita por Balzac do *Livro de Esther*, nas meditações do polêmico *Fisiologia do Casamento*, livro escrito nove anos antes da publicação da primeira parte do romance *Esplendores e misérias das cortesãs*, lançado, aos pedaços, entre os anos de 1838 e 1847. O autor escreve em *Fisiologia*:

A história ensina-nos que Assuero, querendo tomar por mulher uma das donzelas da Pérsia, escolhera Esther, a mais virtuosa e a mais bela. É, pois, claro, que os seus ministros tinham necessariamente encontrado um meio qualquer de vasculhar a população. Infelizmente, a *Bíblia* tão clara sobre todas as questões matrimoniais, esqueceu-se de nos transmitir esta lei de eleição conjugal.¹⁵

Assim como na Bíblia, o relacionamento conjugal também é um tema recorrente em *A Comédia Humana*. Na citação acima, Balzac parece ter dúvidas a respeito da legalidade do *casamento* entre Assuero e Esther. Podemos até pensar que ele acreditava que Assuero tinha que ter lutado mais para se manter bem casado com a rainha Vahsti e não ter sucumbido aos encantos da sedutora hebreia. Ao afirmar que a Bíblia [sic] “esqueceu-se de nos transmitir esta lei de eleição conjugal”, Balzac dá sinais de que refletiu e tentou encontrar explicações, nas entrelinhas do relato bíblico, para a meteórica ascensão da jovem escrava ao posto de rainha da Pérsia. O narrador de *Esplendores e misérias das cortesãs* deixa transparecer que Balzac acreditava que a soberana judia, como as cortesãs, barganhou, vendeu o seu corpo para tornar-se uma mulher poderosa. A narrativa balzaquiana faz uma direta ligação intertextual entre as duas Esther no seguinte fragmento: “As cortesãs zombam das leis, elas adoram uma certa delicadeza; sabem vender-se como Esther, por um belo ideal secreto, que é

¹⁴ KUPFER, 2021, p. 86, tradução nossa. No original: “Esther Gobseck doit son prénom à l’une des plus grandes héroïnes de l’histoire juive.”

¹⁵ BALZAC, 1959b, p. 252. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977c, p. 921): “L’histoire nous apprend qu’Assuérus, voulant prendre femme parmi les filles de Perse, choisit Esther, la plus vertueuse et la plus belle. Ses ministres avaient donc nécessairement trouvé un mode quelconque d’écramer la population. Malheureusement, la Bible, si claire sur toutes les questions matrimoniales, a omis de nous donner cette loi d’élection conjugale.”.



a sua religião”.¹⁶ Percebe-se aqui a clara interpretação que Balzac faz do comportamento da escrava Esther: uma mulher que soube entregar seu corpo em troca de “um belo ideal secreto, que é a sua religião”, a religião israelita. Balzac transparece refletir que a hebreia teria usado a sua beleza para seduzir e ter o rei Assuero em suas mãos, apenas por interesses político e financeiro, tal qual as cortesãs que exploravam os nobres na corte francesa.

Segundo esclarece Michel Butor, em *A Comédia Humana*: “A prostituição constitui uma imitação da sociedade. Para Balzac, esta é, inteiramente, prostituída; vivemos um adultério generalizado”.¹⁷ Esse modelo de relação existe na obra de Balzac, afirma Butor, do topo ao pé da escala social, podem ser “[...] mais ou menos secretas, poderíamos mesmo dizer mais ou menos oficialmente secretas, mais ou menos toleradas”.¹⁸ Relações geradoras e articuladoras dos relacionamentos de poder que eram percebidas pelo romancista também na Pérsia e no palácio de Assuero.

Durante o desenrolar do jogo intertextual, as alusões sugerem que Balzac, diferentemente de Eva, via na rainha Esther, especificamente, a matriz literária da cortesã, o arquétipo original de mulheres como Mme. Pompadour entre tantas outras, modelo ancestral para a elaboração da sua Esther van Gobseck: “Esther ganharia o prêmio no harém porque possuía as trinta belezas harmoniosamente combinadas”,¹⁹ informa o narrador. Sabemos que na Bíblia, antes de ser escolhida por Assuero, Esther foi uma das mulheres do harém que serviam ao rei persa: “Procuramos moças para o rei [...] E aquela que mais agradar aos olhos do rei será rainha no lugar de Vasthi”, diziam os servidores e os oficiais do soberano.²⁰

O narrador de Balzac, então, segue descrevendo a aparência de Esther, ancorado em descrições que nos remetem à heroína da Bíblia: “Somente as raças vindas dos

¹⁶ BALZAC, 1956, p. 201. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 625): “Les filles se moquent des Lois, elles adorent une certaine délicatesse; elles savent se vendre, comme Esther, pour un beau idéal secret, leur religion à elles.”

¹⁷ BUTOR, 1998, p. 113, tradução nossa. No original: “La prostitution forme une doublure de la société. Celle-ci est pour Balzac tout entière prostituée; on vit dans un adultère généralisé”.

¹⁸ BUTOR, 1998, p. 113, tradução nossa. No original: “[...] plus au moins secrètes, on pourrait même dire plus ou moins officiellement secrètes, plus ou moins tolérées.”

¹⁹ BALZAC, 1956, p. 51. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 463): “Esther eût remporté le prix au sérail, elle possédait les trente beautés harmonieusement fondues.”

²⁰ Est 2, 4, tradução nossa. Na tradução de La Bible (1990, p. 601): “Qu’on cherche pour le roi des filles [...] Et celle qui plaira davantage aux yeux du roi sera reine à la place de Vasthi.”



desertos possuem nos olhos o poder da fascinação sobre todos [...] nos olhos e na fisionomia de Esther brilhava o Oriente, ao cabo de mil e oitocentos anos de banimento [...] Cintilava de alvura a pele da judia”.²¹ As marcas da influência bíblica seguem sendo expostas no romance: “Essa sublime figura judia que ele dizia ser uma *figura da Bíblia* estava sempre diante dos seus olhos”,²² relata o narrador ao descrever como o velho, rico e apaixonado Nucingen via a bela cortesã. Ou na voz do próprio banqueiro: “[...] uma *ficura vertateiramente píblica!* [sic] *Olhos de foco, tez oriental!*”,²³ diz Nucingen com seu sotaque alemão. Cortesã proclamada soberana por Émile Blondet, arquétipo do jornalista ambicioso: “[...] o que me fazia aclamá-la rainha era a sua indiferença burbônica pelo favorito decaído”.²⁴ Entende-se pela expressão “favorito decaído”, o amado de Esther, o poeta e jornalista Lucien de Rubempré. Num outro fragmento, a prostituta de luxo é novamente coroada: “[...] ela tinha a majestade que deve ter resplandecido em Maria Stuart [...]”.²⁵ Ao dar à moça mundana o adjetivo de rainha, o personagem e o narrador a aproximam, ainda mais, à heroína bíblica. As duas “rainhas”, aparentemente de mundos opostos, então, se encontram e trocam simbologias no diáfano espelho do pensamento de Balzac.

Ambas são judias e órfãs. A mãe da personagem balzaquiana também é originária de uma família israelita e, como a filha, fez fama na prostituição. Era conhecida como *La Belle Hollandaise*. No entanto, o verdadeiro nome era bíblico: Sara Van Gobseck, uma identidade que lembra Sara — esposa de Abraão, o primeiro dos patriarcas. Em *A Comédia Humana*, Sara é sobrinha-neta do usurário judeu Jean-Esther Van Gobseck

²¹ BALZAC, 1956, p. 52-189. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 464-465; 614): “Il n’y a que les races venues des déserts qui possèdent dans d’œil le pouvoir de la fascination sur tous [...] après dix-huit cents ans de bannissement, l’Orient brillait dans les yeux et dans la figure d’Esther [...] Le teint de la juive étincelait.”

²² BALZAC, 1956, p. 79. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 494): “Cette sublime figure juive qu’il disait être *eine viguier te la Piple*, était toujours devant ses yeux.” A expressão *une figure de la Bible* foi escrita do jeito citado acima. Balzac assim escreveu para destacar o sotaque alemão do Barão de Nucingen.

²³ BALZAC, 1956, p. 82. Nesse fragmento, outra vez, o original — Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 497) — foi escrito com intenção de destacar o sotaque do Barão de Nucingen: “*eine viguire fraiment piplique! Tes yeix de veu, eine Tain t’Orient*”.

²⁴ BALZAC, 1956, p. 32. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 442): “[...] ce que me la faisait élire pour reine, c’est son indifférence bourbonienne pour le favori tombé.”

²⁵ BALZAC, 1956, p. 190. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 614): “[...] elle avait la majesté qui dut briller chez Marie Stuart[...].”



que empresta seu nome para a novela *Gobseck*. O velho é filho de uma judia e de um holandês. Daí o apelido da mãe de Esther, *La Belle Hollandaise*, que morreu assassinada: “Não se lembram como Paris se preocupou com o assassinio de uma mulher denominada *a bela holandesa*? [...] — Era minha sobrinha-neta”,²⁶ comenta Gobseck com o procurador judicial Derville. Nota-se, ao recuperar esse fragmento, que Balzac se inspirou na Bíblia para criar os personagens degenerados da família Gobseck.

O jogo da sedução feminina, usado de forma calculada e estratégica para conspirar e conquistar poder, conectam a estória da Esther bíblica ao *demi-monde* francês. Esther esconde o seu verdadeiro nome e usa uma identidade falsa, um nome de guerra para ocultar sua real origem, prática muito comum entre as mulheres que comercializam o sexo. O narrador bíblico nos informa sobre esse nome postigo quando explica a relação da hebreia com Mardoqueu: “Ele havia criado perto dele a filha de seu irmão, chamada *Edise*, que também era chamada de Esther. Ela havia perdido o pai e a mãe. Ela era perfeitamente bonita e muito amável. Seu pai e sua mãe morreram.”²⁷. Repara-se que na tradução da Bíblia vulgata feita por Lemaître de Sacy, versão usada e mais lida por Balzac, o nome original de Esther é apresentado como Edise, e Mardoqueu como tio da hebreia. Já nas outras versões das Sagradas Escrituras, como a *Bíblia Hebraica*, o nome mais usado de Esther é *Hadassá*, e Mardoqueu é citado como seu primo: “Ele criara Hadassá — que era Esther — filha de seu tio, a qual não tinha nem pai nem mãe; e a moça era bela, de porte formoso e boa aparência” (Est 2, 7).²⁸ Em nenhum momento do livro ficamos sabendo se Esther revela ou não o seu verdadeiro nome ao rei Assuero. Dado que sinaliza que a rainha persa jogou o tempo todo com o marido, escondendo dele o segredo de quem verdadeiramente era, típico comportamento romanesco encontrado nas cortesãs francesas. Esses lampejos do mundo profano, tão presentes no espaço ocupado pelas mulheres transgressoras, por muitos séculos, ajudaram a afastar a história da rainha Esther da Bíblia.

O nome de guerra de Esther Van Gobseck é *La Torpille*, vocábulo francês que significa explosivo bélico, foguete, granada. Mas que, no romance, podemos interpretar de

²⁶ BALZAC, 1959a, p. 462. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977a, p. 462): “Vous savez combien Paris s’occupe de l’assassinat d’une femme nommée *la belle Hollandaise*? [...] - C’est ma petite nièce.”

²⁷ Est 2,7, tradução nossa. Na tradução de La Bible (1990, p. 601): “Il avait élevé auprès de lui la fille de son frère, nommée Edise, qui s’appelait autrement Esther. Elle avait perdu son père et sa mère. Elle était parfaitement belle, et elle avait tout à fait bonne grâce. Son père et sa mère sont morts, Mardochée l’avait adoptée pour sa fille”.

²⁸ *Bíblia Hebraica*, 2007, p. 758.



duas maneiras. Primeiramente, ele pode ser usado, de forma mais figurada, para realçar o grande poder de sedução de Esther, “aquela rapariga era tão atraente que seria capaz de entorpecer o próprio Napoleão”,²⁹ como explicam as palavras de Rastignac a um dos amigos que perguntou o significado do codinome *La Torpille*, durante o baile de máscaras. Ou ainda, nas palavras do narrador: “No exterior ela era doce como uma virgem [...] lá por dentro agitava-se uma imperial Messalina. Só ela sabia o segredo daquele combate do demônio com o anjo”.³⁰

Na segunda interpretação, pode-se associar o sentido de *Torpille* ao interesse de Balzac em costurar a figura da sua heroína à da rainha Esther, protagonista de um tempo no qual as guerras imperavam no Oriente bíblico, atingindo especialmente o povo israelita, registro que encontramos no próprio *Livro de Esther*, na voz do rei Assuero: “Ele disse à rainha: Os judeus mataram quinhentos homens na cidade de Suse, fora os 10 filhos de Aman [...] Setenta e cinco mil homens foram mortos nesta carnificina [...]”.³¹ A Esther persa se revela uma impiedosa guerreira para salvar o seu povo: “A rainha lhe respondeu: Rogo ao rei que ordene, se quiser, que os judeus tenham o poder de fazer novamente amanhã em Suse o que fizeram hoje, e que os dez filhos de Aman sejam enforcados.”.³² Enquanto a soberana da Bíblia luta pela liberdade do seu povo e em nome de sua religião, a cortesã de Balzac, comparada a um torpedo, amorosamente belicoso, sacrifica a própria vida por amor a um poeta. Na tragédia da Esther balzaquiana, a força do amor a Lucien de Rubempré simbolicamente remete o leitor à importância que os israelitas tiveram no coração da rainha Esther. Além das duas heroínas terem o mesmo nome, é na capacidade de amar da prostituta, esclarece Zazoun, que está o ponto de encontro mais importante entre as duas Esther:

²⁹ BALZAC, 1956, p. 35. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 445): “Eh bien, cette fille est si attrayante qu’elle aurait engourdi l’empereur Napoléon.”

³⁰ BALZAC, 1956, p. 56. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 469): “Elle était au-dehors suave comme une vierge [...] au-dedans s’agitait une impériale Messaline. Elle seule était dans le secret de ce combat du démon contre l’ange.”

³¹ Est 9, 12-16, tradução nossa. Na tradução de La Bible (1990, p. 608): “Et il dit à la reine: Les Juifs ont tué cinq cents hommes dans la ville de Suse, outre les dix fils d’Aman [...] soixante-quinze mille hommes furent enveloppés dans ce carnage [...]”.

³² Est 9, 13, tradução nossa. Na tradução de La Bible (1990, p. 608): “La reine lui répondit: Je supplie le roi d’ordonner, S’il lui plaît, que les Juifs aient le pouvoir de faire encore demain dans Suse ce qu’ils ont fait aujourd’hui, et que les dix fils d’Aman soient pendus.”.



[...] Se tentarmos fazer uma conexão entre a heroína de Balzac e as origens bíblicas de seu nome, poderíamos encontrá-la na prostituta de grande coração, a vítima maculada pelo demônio. Sagrada pelo amor, Esther Gobseck impõe-se como santa devotada de corpo e alma ao seu amante Lucien de Rubempré que ela diviniza mas entregue às travessuras de Vautrin, às mãos e ao amor doentio do banqueiro Nucingen, prefere deixar este mundo.³³

O romance *Esplendores e misérias das cortesãs* começa com um baile de máscaras na Ópera de Paris. Esther faz de tudo para não ser reconhecida porque está acompanhada do seu grande amor, Lucien de Rubempré. E, para tanto, como todos os que estão nos salões do suntuoso teatro, Esther também está misteriosamente mascarada. Mesmo assim, alguns amigos de Lucien reconhecem, na acompanhante do poeta, a famosa cortesã. Eis um fato praticamente fundador dessa nova trama que marca o retorno de Lucien de Rubempré para tentar a sorte, pela segunda vez, em Paris. O fracassado passado do jovem arrivista na capital francesa é narrado no romance *Ilusões perdidas*. Na Bíblia, *O Livro de Esther* também começa com uma festa profana. Assuero, o rei da Pérsia, oferece um grande banquete a todos os seus ministros das províncias e à grande maioria dos seus servos para comemorar as conquistas do seu império e o seu valor enquanto líder político. Festa que, como o baile de máscaras, é decisiva para a estória. Ao correr da narrativa, ao contrário do que acontecerá com a cortesã de Balzac, a Esther bíblica não será desmascarada e tampouco chantageada. Ela mesma revelará sua verdadeira origem ao rei: “Porque fomos entregues, eu e o meu povo, para sermos pisados, mortos e exterminados.”³⁴ Tanto nas Sagradas Escrituras como no romance de Balzac, a cortesã e a rainha são estrangeiras na terra onde tentam a sorte, empenhadas numa missão de vida ou morte. A hebreia Esther quer proteger o seu povo; a prostituta balzaquiana, o seu grande amor, Lucien de Rubempré. Na Paris oitocentista, Esther Van Gobseck, *La*

³³ ZAZOUN, 2012, p. 1113, tradução nossa. No original: “[...] Si on tente de faire un rapprochement entre l’héroïne de Balzac et les origines bibliques de son nom, on pourrait le trouver dans la prostituée au grand cœur, la victime souillée par le démon. Sacralisée par l’amour, Esther Gobseck s’impose comme une sainte dévouée corps et âme à son amant Lucien de Rubempré qu’elle divinise mais livrée aux manigances de Vautrin, aux mains et à l’amour malsain du banquier Nucingen, elle préfère quitter ce monde.”

³⁴ Est 7, 4, tradução nossa. Na tradução de La Bible(1990, p. 606): “Car nous avons été livrés, moi et mon peuple, pour être foulés aux pieds, pour être égorgés et exterminés.”



Torpille, tem que se entregar sexualmente ao velho banqueiro judeu Nucingen para conseguir o seu objetivo, assim como, na corte do rei da Pérsia, Esther também se entrega ao todo poderoso Assuero. Ambas se valem da beleza e corpo para conquistar poder.

A Esther bíblica foi até o palácio do rei para participar da seleção que escolheria a nova rainha; já a Esther que vivia em Paris foi literalmente caçada pelo aristocrata que caiu de amores por ela na primeira vez que a viu passeando pela capital francesa. Nucingen demorou mais de quarenta dias para reencontrar Esther, ao contrário de Assuero que se deitou com a prima de Mordoqueu sem precisar fazer nenhum esforço: “O rei a amou mais do que todas as outras esposas, e ela conquistou no seu coração e mente uma consideração maior do que todas as outras. Ele colocou a coroa real em sua cabeça e a fez rainha no lugar de Vashti”.³⁵ Assuero se separou da rainha Vashti porque ela não teria acatado uma ordem dele. O comportamento transgressor dela, seguido da briga conjugal, também podem ter despertado o interesse de Balzac em fazer emergir em sua trama vozes da narrativa bíblica. Já vimos que os temas do matrimônio e da mulher adúltera, “imoral” e transgressora, ocupam um grande espaço em *A Comédia Humana*. E, muito provavelmente, o deslize de Vashti teria sido tratado com mais compaixão pela pena balzaquiana.

O narrador bíblico não afirma, claramente, se Esther era, de fato, virgem quando fez sexo pela primeira vez com Assuero. No máximo, ele relata que os oficiais reais pediam para que fossem trazidas à corte “as moças que são virgens e belas...”.³⁶ Não há uma cena em que se comprove a pureza da escrava. Esse fato, de certa maneira, também aproxima a Esther hebreia da cortesã de Balzac, apresentada ao leitor como uma *ratinha ou rata*.³⁷ No século XIX, *ratinha* era o nome dado às meninas novas da Ópera que se destinavam à dança e figuravam nas fileiras, nos voos, nas apoteoses e outras situações em que sua pequena estatura se podia explicar pela perspectiva; assim chamadas pela sua pequenez e seu apetite devorador. Suas idades variam entre oito e quinze anos. Corrompidas e ingênuas ao mesmo tempo, conhecendo bem a devassidão, algumas delas acabavam como grandes bailarinas, porém a maioria mergulhava na prostituição. Foi o que ocorreu com Esther Van Gobseck. Só que ela

³⁵ Est 2, 17, tradução nossa. Na tradução de *La Bible*(1990, p.606): “Le roi l'aima plus que toutes ses autres femmes, et elle s'acquit dans son cœur et dans son esprit une considération plus grande que toutes les autres. Il lui mit sur la tête le diadème royal, et il la fit reine à la place de Vasthi.”

³⁶ Est 2, 2, tradução nossa. Na tradução de *La Bible*(1990, p. 601): “des filles qui soient vierges et belles[...]” .

³⁷ BALZAC, 1956, p. 40.



acabou tendo a sorte ou o azar de cair nas graças do poderoso Barão Frédéric de Nucingen.

Ao descrever a busca do banqueiro judeu por Esther, o narrador deixa pistas, sinais, como se quisesse ajudar o leitor a não se perder pelo caminho que conectará sua imaginação à narrativa-mãe, trabalhada em Balzac como uma de suas precursoras: o Primeiro Testamento. É o que se verifica nesta passagem: “O barão foi oito noites a fio ao *Bois de Vincennes*. [...] enfim, todos os arrabaldes de Paris sem poder encontrar Esther. Essa sublime figura judia que ele dizia ser uma figura da *Bíblia* que estava sempre diante dos seus olhos”.³⁸ Outra vez, temos a indicação romanesca de que a prostituta oitocentista poderia figurar como uma personagem hebreia das Sagradas Escrituras. Ao dizer que Esther estava sempre diante dos olhos do barão, um homem de 60 anos, casado com Delfina de Nucingen,³⁹ mas habituado a ter várias amantes e que desejava a cortesã para ser sua “rainha”, o narrador recupera a tradição dos haréns. Nucingen é aproximado ao rei Assuero ao desejar Esther para ser sua soberana entre as concubinas.

A cortesã usa sua beleza física para seduzir e controlar o banqueiro, conectando-se à estratégia praticada pela Esther bíblica para salvar e libertar o seu povo, como esclarece Mariza B. T. Mendes: “usando seu ‘poder de sedução’ como objeto modal, na busca do objeto-valor, que era o ‘poder político’ [...]. Mais uma vez, seu poder de sedução pela beleza física será usado como estratégia de manipulação, e com muito sucesso”.⁴⁰ Portanto, se a Esther persa jogava na vida como as cortesãs francesas, dificilmente ela teria sido uma mulher feliz estando casada com um homem que, de fato, não amava. Até porque a religião israelita não era a praticada pelo reino de Assuero, o que fez Esther, praticamente, ser obrigada a renunciar ou fingir renunciar a própria religiosidade, como os judeus marranos fizeram durante a Idade Média na península ibérica, segundo esclarecimento de Gershom Scholem, para quem Esther: “teria levado uma espécie de existência marrânica na corte do rei Assuero, sem falar

³⁸ BALZAC, 1956, p. 79. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 494): “Le baron alla, pendant huit nuits de suite, au bois de Vincennes [...] enfin dans tous les environs de Paris, sans pouvoir rencontrer Esther. Cette sublime figure juive qu’il disait être [sic] *eine viguier te la Piple*, était toujours devant ses yeux”. A expressão *une figure de la bible* foi escrita do jeito citado acima porque Balzac assim escreveu para destacar o sotaque alemão do Barão de Nucingen.

³⁹ Delfina Nucingen é uma das três filhas do velho Goriot, protagonista do romance *O Pai Goriot*.

⁴⁰ MENDES, 2009, p. 180-181.



‘nem de sua raça nem do seu nascimento’, embora continuasse fiel à religião de seus pais”.⁴¹

A rainha persa se sacrifica por seu povo e a cortesã francesa pelo poeta e arrivista Lucien de Rubempré. Os hebreus são prisioneiros de Assuero, Lucien é refém da própria vaidade e, principalmente, da corrupta sociedade parisiense; os descendentes das tribos de Jacó vivem na diáspora e não abrem mão da fé em seu único Deus por nada; o filho de Angoulême é um errante e estrangeiro em Paris, com a alma à venda, vivendo na corda bamba esticada por outro Deus, conforme nos relata o narrador balzaquiano: “[...] como sucede a muitos rapazes que querem fazer figura em Paris sem possuírem o capital necessário às pretensões e que cada dia jogam tudo numa cartada, sacrificando o deus mais cortejado nesta régia cidade: o Acaso”⁴². Acaso que repousa, muitas vezes, nas mãos do falso padre Carlos Herrera, mentor de Lucien. Herrera é só um dos disfarces do fugitivo, Jacques Collin, cuja alcunha mais conhecida é Vautrin.

Seria o mascarado Carlos Herrera/Jacques Collin/Vautrin, uma versão de Mordoqueu? Atente-se que o falso padre obrigou a cortesã judia a se converter para o catolicismo, profetizando a ela: “O seu futuro depende da força do seu esquecimento”.⁴³ Num outro contexto, o primo que “adotou” a heroína hebreia depois que ela se tornou órfã, também a controlava com base na fé religiosa. Quando ela se apresentou, pela primeira vez, ao eunuco do rei, conta o narrador bíblico: “Esther não disse a ele de que país e nação ela era, porque Mordoqueu havia ordenado que ela mantivesse isso em segredo”.⁴⁴ Por mais que Mordoqueu não tenha se revelado um homem perigoso como o carrasco da cortesã balzaquiana, ele não deixa de simbolizar o papel de manipulador e, de certo modo, limitador da liberdade de sua protegida. A comparação entre os dois personagens é confirmada por Baron:

⁴¹ SCHOLEM, 1995, p. 344.

⁴² BALZAC, 1956, p. 20. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 431): “[...] comme chez beaucoup de jeunes gens qui veulent jouer un rôle à Paris sans posséder le capital nécessaire à leurs prétentions, et qui chaque jour risquent le tout pour le tout en sacrifiant au dieu le plus courtisé dans cette cité royale, le Hasard.”

⁴³ BALZAC, 1956, p. 48. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 461): “Votre avenir dépend de la puissance de votre oubli.”

⁴⁴ Est 2,10, tradução nossa. Na tradução de *La Bible* (1990, p. 601): “Esther ne voulut pas lui dire de quel pays et de quelle nation elle était, car Mardochée lui avait ordonné de tenir cela très secret.”



“[...] Carlos Herrera, uma caricatura de Mordoqueu...”.⁴⁵ Segundo Baron, essa intertextualidade ganha força em outros fragmentos dos textos relacionados. Se o algoz Jacques Collin, patrulha, impiedosamente, os passos, as palavras e até os olhares de Esther Van Gobseck, Mordoqueu, por sua vez, também não dá trégua à prima e, assim, arma seu plano, obrigando Esther a entrar no palácio, conquistar o rei e a ganhar o jogo da sedução que, para o hebreu, tem um significado muito mais político que sexual. E, mesmo depois de Esther ser aceita no harém, ele ainda tenta controlá-la, fazendo longas vigílias do lado de fora da sede da corte: “Ele caminhava todos os dias em frente ao vestíbulo da casa no qual eram mantidas as virgens escolhidas, preocupado com o estado de Esther e querendo saber o que aconteceria com ela.”⁴⁶. E mesmo depois de Esther tornar-se rainha, Mordoqueu continuou a lhe fazer ameaças em nome de Deus:

Então, mandou ainda dizer o seguinte a Esther: “Não creia que, por estar na casa do rei, você sozinha poderia salvar sua vida se todos os judeus perecerem; Porque se você ficar calada agora, Deus encontrará outra maneira de livrar os judeus, e você perecerá, você e a casa de seu pai. E quem sabe se não é por isso mesmo que foste elevada à dignidade real, para poder atuar numa ocasião como esta?”⁴⁷

O narrador pouco sabe, ou pelo menos não diz quase nada, sobre o passado de Mordoqueu, o que seria mais uma razão para desconfiarmos desse personagem misterioso que faz de uma jovem ingênua uma poderosa rainha. Será que ele foi tirano, explorou e forçou Esther a fazer sexo com o rei contra a vontade dela? Ou Esther teria feito tudo isso por vontade própria, exercendo o seu talento inquestionável de mulher sedutora, dissimulada e estrategista, agregando a ela o papel de matriz literária da cortesã? Ao colocar lado a lado as duas Esther, Baron

⁴⁵ BARON, 2018, p. 101, tradução nossa. No original: “[...] Carlos Herrera, caricature de Mordoqueu[...].”

⁴⁶ Est 2,11, tradução nossa. Na tradução de La Bible(1990, p. 601): “Il se promenait tous les jours devant le vestibule de la maison ou étaient gardées les vierges choisies, se mettant en peine de l'état d'Esther, et voulant savoir ce qui lui arriverait.”

⁴⁷ Est 4,13-14, tradução nossa. Na tradução de La Bible(1990, p. 604): “Envoya encore dire ceci à Esther: Ne croyez pas qu'étant dans la maison du roi, vous pourriez sauver seule votre vie si tous les Juifs périssaient; Car si vous demeurez maintenant dans le silence, Dieu trouvera quelque autre moyen pour délivrer les Juifs, et vous périrez, vous et la maison de votre père. Et qui sait si ce n'est point pour cela même que vous avez été élevée à la dignité royale, afin d'être en état d'agir dans une occasion comme celle-ci?”.



conclui: “[...] a Esther balzaquiana se parece muito com a bela jovem judia da diáspora persiana que deixou o harém para tornar-se rainha”.⁴⁸ Porém, a pesquisadora destaca uma diferença gritante que impera entre as duas personagens: enquanto a cortesã perdidamente apaixonada por Lucien prefere o suicídio à vida dupla e fingida, a rainha persa revela-se dona de uma força soberana diante do jogo político que a desafia, mas que “[...] faz de Deus sua única felicidade”⁴⁹.

Afinal, a personagem de Balzac se mata por amor, por não se achar digna de Lucien: “Do quarto, viu Esther inteiriçada sobre o leito, roxa do veneno, morta! [...]”.⁵⁰ Numa carta ao amado, a prostituta de luxo escreve sobre o terror que era sentir-se presa às mãos de Nucingen: “Foi necessário este nojo para achar adorável a morte [...]”.⁵¹ A cortesã é transparente sobre os sentimentos em relação ao banqueiro “esse monstro que tão caro me comprou [...]”,⁵² conta ela no texto epistolar que escreveu para Lucien poucas horas antes de cometer o suicídio. O mesmo não podemos afirmar da Esther de Assuero. O narrador bíblico não nos informa sobre os sentimentos da escrava hebreia na primeira noite com o rei, nem após ela ter se tornado soberana da Pérsia.

Com base em uma “oração de Esther” (*Prière d’Esther*), adicionada à *Bíblia Septuaginta*, Baron sugere que a heroína balzaquiana teria sentido uma sensação de terror parecida com a da rainha Esther ao se entregar para um homem que não amava: “Ela sente a mesma angústia da morte da rainha Esther que ‘havia deixado suas roupas suntuosas para vestir roupas de sofrimento e luto’ e, ‘em vez de perfumes suntuosos, cobriu a cabeça com cinzas e sujeira’.”⁵³ Esse argumento de

⁴⁸ BARON, 2018, p. 100, tradução nossa. No original: “ [...] l’Esther balzacienne ressemble beaucoup à la jolie petite juive de la diaspora persane, sortie du harem pour devenir reine.”

⁴⁹ Baron, 2018, p. 100, tradução nossa. No original: “ [...]mais qui fait de YHVH son seul bonheur”.

⁵⁰ BALZAC, 1956, p. 261. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 692): “Dès la porte de la chambre, il aperçut Esther roide sur son lit, bleuie par le poison, morte![...]”

⁵¹ BALZAC, 1956, p. 326. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 759): “Il fallait ce dégoût pour trouver la mort adorable[...]”

⁵² BALZAC, 1956, p. 326. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 758): “Ce monstre qui m’a si chèrement achetée[...]”

⁵³ BARON, 2018, p. 101, tradução nossa. No original: “Elle éprouve la même angoisse de mort que la reine Esther qui ‘avait quitté ses vêtements somptueux pour prendre des habits de détresse et de deuil’ et ‘au lieu de fastueux parfums, avait couvert sa



Baron reforça a nossa ideia de que a libertadora do povo israelita cometeu um simbólico suicídio emocional, aniquilou a Esther romântica para dar vida à Esther fria e racional, focada no poder e na libertação de sua gente.

Se na Bíblia, a rainha tinha orgulho da sua origem judaica, em Balzac, a cortesã Esther queria se livrar dela: “[...] ah! Se me fosse possível derramar aqui todo o meu sangue e adquirir outro [...]”,⁵⁴ diz Esther, no auge da sua falta de autoestima. Ela parece convencida de que pertence a uma raça inferior. O torturador mental da jovem prostituta é o falso padre Carlos Herrera: “Você foi cortesã, é cortesã e será sempre cortesã”,⁵⁵ proclama o criminoso. Herrera tenta convencer Esther de que, justamente por ser judia e cortesã, ela não é digna do amor de Lucien de Rubempré. Nas palavras dele, cortesã arrependida não existe: “[...] se alguma aparecesse, havia de voltar a ser cortesã no paraíso”.⁵⁶ Ao recuperar a figura de Eva e o *Livro do Gênesis* nesse romance no qual a trágica vida da protagonista é inspirada na colorida e festiva saga da heroína hebreia, transparece a opinião de Balzac de que nem a fé nem a religião são capazes de mudar ou converter as mulheres que vivem da prostituição. Mas ilumina-se, principalmente, uma máxima que acompanha o romancista por toda *A Comédia Humana*: o pensamento de que a complexa simbologia presente na Bíblia pode e deve ser usada para enriquecer o texto romanesco.

Referências

ALTER, R. *Strong as Death is Love: The Song of songs, Ruth, Esther, Jonah, Daniel*. Nova York: W.W. Norton & Company, 2015.

BALZAC, H. *A Comédia Humana – Vol. III: Gobseck*. Tradução de Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Editora Globo, 1959a.

BALZAC, H. *A Comédia Humana – Vol. IX: Esplendores e Misérias das Cortesãs*. Tradução de Casemiro Fernandes. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

tête de cendres et d’ordures’.” Baron cita um trecho da tragédia Esther de Jean Racine. “Prière d’Esther”, addition de la Septante.

⁵⁴ BALZAC, 1956, p. 48. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 460): “[...] ah ! S’il était possible de verser ici tout mon sang et d’en prendre un nouveau![...]”.

⁵⁵ BALZAC, 1956, p. 72. *Esplendores e Misérias das Cortesãs*. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 487): “Vous êtes fille, vous resterez fille, vous mourrez fille.”

⁵⁶ BALZAC, 1956, p. 72. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1977b, p. 486): “[...] s’il s’en trouvait une, elle redeviendrait courtisane dans le paradis[...]”



BALZAC, H. *A Comédia Humana – Vol. XVII: Fisiologia do Casamento*. Tradução de Mário D. Ferreira Santos. Porto Alegre: Editora Globo, 1959b.

BALZAC, H. *La Comédie Humaine – t. II: Gobseck*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1977a.

BALZAC, H. *La Comédie Humaine – t. VI: Splendeurs et misères des courtisanes*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1977b.

BALZAC, H. *La Comédie Humaine – t. XI: Physiologie du Mariage*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1977c.

BARON, A-M. *Balzac et la Bible—Une herméneutique du romanesque*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2018.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulus, 2011.

Bíblia Hebraica. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Sêfer, 2007.

BUTOR, M. *Scènes de la Vie Féminine: Improvisations sur Balzac III*. Paris: Éditions de la Différence, 1998.

JOSSE-LAFON, J. *Le Livre d'Esther*. Paris: Folioplus Classiques, Éditions Gallimard, 2013.

KUPFER, K. *Les Juifs de Balzac*. Paris: NM7 Éditions, 2001.

La Bible. Edição traduzida para língua francesa por Lemaître de Sacy. Paris: Éditions Robert Laffont, 1990.

MENDES, M. B. T. *No princípio era o poder— Uma análise semiótica das paixões no discurso do Antigo Testamento*. São Paulo: Annablume, 2009.

SCHOLEM, G. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ZAZOUN, F. *Variations autour du livre d'Esther: De la vision biblique au regard porté par la littérature et les arts sur les personnages*. Paris: Sorbonne Université, 2012.

Enviado em: 07/03/2024

Aprovado em: 25/03/2024